

por **Maria Tereza Flores-Pereira***

Antonio Strati em seu livro *Organização e estética* traz à tona um problema que permeia as pesquisas, o ensino e a prática de gestão desde seus primórdios, no início do século passado: o expurgo da corporeidade dos indivíduos organizacionais. Uma das conseqüências mais diretas dessa exclusão, aponta o autor, se refere ao total desconhecimento desse campo teórico-prático em relação à interação ocorrida entre as faculdades sensoriais humanas, as organizações e os processos organizacionais. Pesquisar, ensinar e praticar a gestão, na análise de Strati, tem ocorrido de maneira predominante a partir de um paradigma mental-racional, fazendo parte, assim, de um legado histórico caracterizadamente moderno e ocidental.

Uma referência histórica importante para a formação desse legado mental-racional se refere à experiência de Galileu Galilei que, ao inventar e utilizar o telescópio constata que é a Terra que gira em torno do Sol e não o inverso. Essa descoberta acaba por anunciar que o homem havia sido enganado enquanto acreditou que a realidade e a verdade poderiam ser depuradas a partir de percepções sensoriais isoladas, pois o olho humano acabara de trair os indivíduos fazendo tantas gerações crer que o Sol girava em torno da terra (ARENDDT, 2001). A “fé” de que os órgãos do sentido forneceriam conhecimento verdadeiro acerca do mundo estava abalada.

Soma-se a essa experiência de Galileu a obra *Discurso do Método* de seu contemporâneo René Descartes (DESCARTES, 1989). O autor acrescenta mais subsídios para a exclusão do corpo em relação ao processo de desvendamento da verdade. É a partir do seu trabalho filosófico de ocupar-se somente com a pesquisa da verdade, que Descartes começa a agir no sentido de rejeitar como absolutamente verdadeiro tudo aquilo em que pudesse imaginar qualquer dúvida. Nesse processo, Descartes acaba por não duvidar apenas de uma única coisa: é que ele, Descartes, está duvidando. Formula assim sua conhecida sentença “penso, logo existo”, a qual demonstra não apenas a moderna separação do indivíduo nas instâncias mente e corpo, como também a caracterização de que o humano é a mente. O corpo, diferentemente, é relegado à condição de objeto e tratado como algo que não constitui a ação social.

Contraopondo-se a essa exclusão da corporeidade como algo constituinte da própria existência humana e da formação do mundo, estão os estudos da estética. Estes são estudos que têm como domínio tudo o que pode ser reconhecido com extra-mental na experiência humana, lançando “um desafio análogo ao do método científico cartesiano no século XVII” (STRATI, 2007a, p. 129). Compondo o quadro dos estudos que marcaram a revolução intelectual do século XVIII, os estudos de estética terminaram por permitir que a experiência sensível relativa à interação sensorial estabelecida entre o indivíduo e mundo se tornasse “parte do constructo social que define as características distintivas dos seres humanos” (STRATI, 2007a, p. 129). A estética, portanto, faz um resgate da corporeidade humana.

Trazer essas idéias da estética para os estudos e para a prática organizacional, é um dos maiores esforços do livro de Antonio Strati. Incluída em tal idéia, está a necessidade de sensibilizar esse campo em relação à importância da compreensão estética para a prática, a pesquisa e o ensino em gestão. Para tanto, Strati busca demonstrar, a partir de articulação teórico-empírica, que ao desenvolver conhecimento organizacional baseado nas faculdades sensoriais humanas da audição, da visão, do tato, do olfato e do paladar acaba-se por devolver ao conhecimento organizacional algo de que ele havia sido privado, quer seja:

* Pós-doutoranda em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[...] a concretude e a fisicalidade das situações e ações cotidianas: o ar que respiramos, o ar que se move com o movimento das pessoas, o ar que anuncia que algo está prestes a acontecer, ou os barulhos que interferem nos sons que queremos ouvir, os barulhos que acompanham e sinalizam os movimentos das pessoas, os barulhos feitos pelos objetos não-humanos usados nas organizações; ou ainda, os rostos das pessoas, os sorridentes e alegres, os melancólicos, aqueles marcados pela fadiga, pela tensão ou excessivamente maquilados (STRATI, 2007a, p. 172).

É do conhecimento sensível que o autor se refere, do resgate do *pathos* ou, numa linguagem mais direta, das sensações belas e feias, do erotismo, dos perfumes e dos odores desagradáveis, assim como das sensações de atração ou repulsão; são partes relevantes do cotidiano das organizações e componentes essenciais para o “direcionamento” das ações (ou das não ações) dos indivíduos organizacionais. O texto do autor nos alerta que a manutenção desta “cegueira coletiva” em relação a tais elementos da vida organizacional leva tanto a perpetuar um enfraquecimento teórico de nossas análises, quanto a promover um decréscimo na qualidade de vida no trabalho.

Cabe agora, entretanto, retornar a uma idéia há pouco trabalhada nesta resenha. Apesar de termos visto que os estudos de gestão são, primordialmente, direcionados a partir de um paradigma racionalista, estes vêm, de forma gradativa, se aprimorando na compreensão das organizações a partir de elementos mais subjetivos e interpretativos, tais como são os estudos culturais, das emoções, da estética, entre outros. No caso brasileiro, mais especificamente, a maior produção teórica parece estar nos estudos culturais. Essa abordagem, no entanto, apesar de sair do campo do racional e trazer a dimensão simbólica da ação organizacional, ainda está fortemente embasada na compreensão da cultura como uma abstração mental. Não é o corpo, sua corporeidade e seus sentidos que fazem ou interpretam a cultura, é a mente.

Os estudos de estética, os quais têm sido um dos únicos a apresentarem um paradigma não mental de compreensão das organizações, ainda não tiveram um espaço de pleno desenvolvimento no Brasil. Além da tradução do importante texto de Pasquale Gagliardi (2001) para a versão brasileira do *Handbook de Estudos Organizacionais*, poucos textos foram encontrados nas revistas acadêmicas brasileiras de gestão (WOOD JR. e CSILLAG, 2001; LEAL, 2007). Nesse ponto, o livro de Antonio Strati, um pesquisador com vasta publicação na área da estética nas organizações (STRATI, 1992, 1996, 1998, 2000, 2007b), se apresenta como uma nova e importante referência para aqueles que desejam incluir o conhecimento sensível das organizações nas suas formulações. Espera-se, com isso, que o livro *Organização e estética* venha a ajudar a cobrir uma lacuna dos estudos de gestão e, com isso, enriqueça seus leitores em sua compreensão acerca da experiência vivida pelas pessoas nas organizações que trabalham, estudam e/ou pesquisam.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1989.
- GAGLIARDI, P. Explorando o lado estético da vida organizacional. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C. e WALTER, R. N. (Org.). *Handbook de estudos organizacionais. Reflexões e novas direções*. São Paulo: Atlas, v.2, 2001.
- LEAL, R. A estética como elemento para compreensão da criatividade nas organizações. *O & S*, v.14, n.42, Julho/Setembro, p.67-82, 2007.
- STRATI, A. Aesthetic understanding of organizational life. *Academy of Management Review*, v.17, n.3, p.568-581, 1992.

STRATI, A. Organizations viewed through the lens of aesthetics. *Organization*, v.3, n.2, p.209-218, 1996.

STRATI, A. Organizational symbolism as a social construction: a perspective from the sociology of knowledge. *Human Relations*, v.51, n.11, p.1379-1402, 1998.

STRATI, A. The aesthetic approach in organization studies. In: LINSTEAD, S. e HÖPFL, H. (Org.). *The Aesthetics of Organization*. London: Sage, 2000.

STRATI, A. *Organização e estética*. Rio de Janeiro: FGV, 2007a.

STRATI, A. Sensible knowledge and practice-based learning. *Management Learning*, v.38, n.1, p.61-77, 2007b.

WOOD JR., T. e CSILLAG, P. Estética organizacional. *O & S*, v.8, n.21, Maio/Agosto, p.35-44, 2001.